

"REGRAS PARA O SENTIDO VERDADEIRO QUE NA IGREJA DEVEMOS TER"

"Sentir-se Igreja, como Igreja de Cristo" ou "Sentir com a Igreja, como Igreja de Cristo"

Com estas **Regras** (EE. 353-370) o exercitante é devolvido à **vida cotidiana**.

Mas elas fazem parte dos Exercícios. Elas não estão colocadas casualmente no fim dos Exercícios, senão que constituem um **fruto** de todo o processo espiritual das quatro semanas anteriores.

Se o exercitante fez adequadamente os Exercícios, fica profundamente **eclesializado**.

Agora S. Inácio vai ensiná-lo a viver no **cotidiano da Igreja**. Desta forma, conservará o **"sentido verdadeiro"** dela, e não perderá sua profunda **sintonia**.

São regras de **orientação**, de **sentido**, de **sintonia**, de **pertença...**

São regras de **maturidade**, que nunca poderão ser compreendidas da exterioridade. Elas estão na linha coerente com os momentos **cumes** da experiência dos Exercícios: **oblação do Reino, Duas Bandeiras, 3º grau de Humildade, Contemplação para alcançar Amor...**

São regras de **discernimento** (próprias para a 4ª Semana). As **Regras** se centram em **atitudes**, não em doutrina; não significam submissão mecânica à autoridade.

Só que o campo de aplicação destas **regras** já não é unicamente o **interior** de cada um, mas a **Igreja**. Nela o exercitante encontra-se inserido, ao final dos Exercícios.

E nela surgem **moções** tão fortes ou mais quanto as produzidas no âmbito da vida interior.

Questões que exigem contínuo **discernimento** na Igreja:

- Como ser Igreja de verdade?
- Que atitudes tomar nela e em referência a ela?
- Como encontrar nela minha própria função e carisma?
- Como ser vivificado vigorosamente a partir de seu mistério?
- Como ser fecundo nela? Como não me escandalizar nela?
- Como sintonizar com o sentido verdadeiro do Espírito?

A **atitude eclesial** deve ser encontrada através do **discernimento**, já que se trata, em última instância, de captar e obedecer ao **Espírito Santo**.

Este **discernimento** se refere ao marco fundamental: **"meu ser Igreja" – "sentir-se Igreja"**, comunidade dos seguidores de Jesus.

A comunidade de fé escuta o **Espírito** que fala na comunidade e fora dela.

Este **Pentecostes** permanente não é somente uma recordação do passado, nem a simples atualização repetitiva de um passado. É a **"memória"** de um presente vivo que cresce com a força do Espírito, que avança para a plenitude.

A **comunhão** que se vive no Pentecostes permanente é uma comunhão em tensão, própria da Igreja militante. Isso implica pluralismo, tendências, movimentos... existentes no âmbito da Igreja.

Sabemos que para S. Inácio o problema do **discernimento** passa pela Igreja.

O **discernimento** nunca é uma pura questão pessoal, intimista...

O elemento **pessoal** é imprescindível, mas deve ser bem equilibrado com um componente discernidor social, na **comunidade** da Igreja.

Também na Igreja os **dois espíritos** semeiam suas **moções**.

O **bom espírito** passa pela Igreja, e a partir dela, atua no coração do cristão nos Exercícios; impulsiona-o a situar-se nela, e ela exerce, sobre a pessoa, toda sua força animadora.

Podemos falar de um **discernimento subjetivo** (regras de 1ª e 2ª semanas) e **objetivo** (regras do sentir Igreja).

Este último é o marco referencial no qual o 1º se realiza.

Mas ambos devem ser integrados em todo processo de **discernimento**.

- O objetivo da **Eleição pessoal** é descobrir, à luz do Espírito, o **melhor** para mim;
- O objetivo da **Eleição eclesial** se trata de conhecer o que é, em determinada situação, o **melhor** para a Igreja.

Há **duas condições** básicas, apontadas por S. Inácio, para um **discernimento eclesial**: a **liberdade interior** e o amor à **Igreja**.

Liberdade interior e **amor** à Igreja constituem a atitude eclesial prévia e necessária para o discernimento na Igreja. Esta atitude possibilita o **diálogo**, com ânimo desarmado e nos dá forças para lutar pelo que nos

parece ser a Vontade de Deus, usando todos os meios disponíveis para realizá-la. As tensões e sofrimentos, dentro da Igreja, nos ajudam a amar a Igreja real, e não a imagem idealizada que dela fazemos.

Liberdade interior: Os Exercícios são uma verdadeira *pedagogia* de liberdade, procurando todo ele, libertar a pessoa para perceber e seguir a **ação** do Espírito; é um real processo de libertação centrado na pessoa de Jesus Cristo.
Conquista da liberdade interior como uma tarefa permanente de toda a nossa vida e como um aviso para sabermos relativizar nossos juízos no interior da Igreja.

Amor à Igreja: É a Igreja que nos gera, educa, alimenta, corrige, anima e conduz para a vida eterna.
Esse **amor** à Igreja concreta leva-nos a uma prévia atitude de *respeito, acatamento e estima*, tanto diante dos pronunciamentos e decisões da hierarquia, como diante de expressões piedosas da fé popular. Do mesmo modo que vibra com a heroísmo de uns, sabe ter paciência com a mediocridade de outros. E é exatamente essa **atitude** que, quando surgem as tensões na Igreja, promove o **diálogo**

Eclesiologia dos Exercícios

A **Igreja** nos Exercícios é desenvolvida a partir da experiência do **Mistério** de Cristo.
É Ele o Senhor, o *“internamente conhecido”*, o *amado e seguido*, quem com seu chamado planta a **Igreja** em cada coração filialmente configurado por seu Espírito.

O exercitante descobre n’Ele o **centro** de sua vida e Cristo vai lhe conduzindo à **Igreja**, como os seus primeiros discípulos. Essa **identificação** progressiva com Ele desemboca na **comunidade**.

Por isso, a **Igreja** é o lugar dos *“identificados”* com Cristo. O núcleo fontal da **eclesiologia das Regras** pertence à entranha mesma dos Exercícios, e brota de seu próprio cristocentrismo.

Concretamente, as *“Regras para sentir com a Igreja”* querem sustentar e desenvolver, no coração do exercitante, a **comunhão eclesial**.

“Todo o movimento dos Exercícios deve levar a um crescimento pessoal e a uma união de vida com a Igreja.

Elas (as regras) poderão ajudar-nos a aprender **com a Igreja, na Igreja e pela Igreja**, a maneira de viver, como

adultos, nossa fé, nas condições, culturas e linguagens próprias do final deste século” (P. Kolvenbach).

A **sintonia com a Igreja** só se alcança no Espírito, a partir da **identificação** com o Crucificado-Ressuscitado. A **Igreja**, nos Exercícios, é desenvolvida a partir da experiência do **Mistério** de Cristo. É Ele o Senhor, o *“internamente conhecido”*, o *amado e seguido*, quem, com seu chamado, planta a **Igreja** em cada coração, filialmente configurado por seu Espírito.

Título e espírito das Regras: *“Para o sentido verdadeiro que na Igreja militante devemos ter...”* (EE. 352)

O texto dos Exercícios tem duas leituras: “... **na Igreja**”, segundo o texto Autógrafo;

“...**com a igreja**”, diz a tradução Vulgata aprovada.

S. Inácio não fala de sentir **com** a Igreja, mas de regras *“para o sentido verdadeiro que na Igreja militante devemos ter”* (EE. 352). A substituição da redação original pela preposição **“com”** parece intencional. *“Na Igreja”* significa que fala a partir de dentro do povo de Deus e que não se trata simplesmente de sentir *“com a hierarquia”*. Não estabelece de nenhuma maneira que o **“sentido verdadeiro”** seja o da hierarquia. Explica, isto sim, como devem estar corretamente situados na comunidade de fiéis aqueles que, por alguma razão, são injustamente suspeitos.

No entanto, as preposições **“com”** e **“na”** indicam variações ricas em matizes de significado, mas que não alteram a mensagem fundamental; evocam os matizes paulinos de *“com Cristo”* e *“em Cristo”*.

O primeiro significa companhia, ir a caminho com Cristo.

O segundo se refere a uma vida mais unitiva, a maior interioridade e vinculação com Cristo.

“Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus” (Fil. 2,5).

Trata-se, pois, de cultivar os **sentimentos** próprios do cristão, as disposições de quem vive em Cristo.

Voltando ao texto inaciano, o sentido seria: cultivar os **sentimentos** e **disposições** próprios do cristão que vive no mistério de comunhão.

As primeiras **13 regras** tratam de duas temáticas:

- **louvor** das práticas plenamente assumidas pela Igreja (da 2ª à 12ª regra);
- duas regras que se referem mais propriamente ao profundo do mistério da Igreja (1ª e 13ª regra).

As **cinco** últimas regras se referem ao modo de tratar os aspectos sutis e teológicos de temática contro-vertida no tempo de S. Inácio.

“Sentido verdadeiro”: dom de Deus, fruto da **identificação** progressiva com Cristo, que gera uma **sintonia** profunda da pessoa com seu Espírito e tudo o que dele procede.

Trata-se de uma **atitude** diante da Igreja, inspirada pela fé e pelo amor. Capacidade de reconhecer nos acontecimentos que afetam a Igreja os **sinais** da ação do Espírito e os enganos do inimigo.

“Sentido” como **“sintonia”** do Amor com o mistério da Igreja, esposa de Cristo.

Trata-se de saber como devemos agir e como aconselhar, que atitude tomar diante de propostas, tendências, movimentos, existentes no interior da Igreja.

1ª e 13ª Regras: Sintonia com a Igreja na comunhão (EE. 353 e 365)

Acessamos aqui a uma das linhas de força mais importantes que percorrem as **Regras**: a manutenção e desenvolvimento da **comunhão eclesial** no coração do exercitante.

A **Igreja** deve ser vivida como uma só **entidade**, como um **corpo**, que não adquire sua unidade por mera justaposição de seus componentes, mas na **harmonia** com a qual cada membro tende a um único fim vital participado.

A **1ª regra** abre ao mistério, precisando o que é a **Igreja** e a atitude de **amor e obediência** (obediência no sentido bíblico: “ob-audire” = “escutar atentamente”: na Igreja, **todos** devem ativar uma atitude de escuta atenta ao “querer e desejar” do Pai. Não se trata de “obediência de poder”).

A **Igreja** é a verdadeira esposa de Cristo. É santa, é mãe nossa, é hierárquica.

Trata-se, pois, de chegar a ter os **sentimentos e disposições** que correspondem aos que estão unidos a Cristo Jesus e à sua verdadeira esposa.

13ª regra: firmado nesse mistério, o cristão se dispõe com ânimo a amar e deixar-se levar, em obediência de fé, por onde o **Espírito** o leva.

A comunidade de fé escuta o **Espírito** que fala na comunidade e fora dela.

Este **Pentecostes permanente** não é somente uma recordação do passado, nem a simples atualização repetitiva de um passado. É a **“memória”** de um presente vivo que cresce com a força do Espírito, que avança para a plenitude.

Sem este Pentecostes permanente, onde a assembléia escuta o Espírito e se delibera em profundidade e amor, a obediência deixa de ter espírito cristão.

A **comunhão** que se vive no Pentecostes permanente é uma comunhão em tensão, própria da Igreja militante. Isso implica pluralismo, diferenças e consensos para seguir adiante.

A comunhão se dá, pois, em tensão plural sem divisão.

“Se o nosso amor a Cristo, inseparável de nosso amor por sua Esposa, a Igreja, nos impele a buscar a Vontade de Deus em cada situação, pode também obrigar-nos a assumir uma atitude de crítica construtiva, baseada na oração e no discernimento. Mas não pode justificar a falta de solidariedade com a Igreja, da qual jamais e de modo algum nos distinguimos ou separamos...” (C. Geral 34ª, n. 197).

O **“sentir com a Igreja”** não significa, portanto, submissão mecânica às autoridades religiosas. Estas também devem obedecer à Vontade de Deus.

O respeito filial e o sincero amor à **“santa mãe Igreja”** não são incompatíveis com o necessário espírito crítico. As **“Regras para sentir com a Igreja”** não nos dispensam de uma leal atitude de **“vigilância crítica”**, no interior da Igreja. Trata-se, antes de tudo, de uma disponibilidade do coração, na linha do **“pressuposto inaciano”** (EE. 22) e da meditação do Reino.

A atitude eclesial justa, para superiores e súditos, é procurar **“discernir o que agrada ao Senhor”**.

O **princípio vital** que mantém e desenvolve essa mútua correspondência é o **Espírito** de Jesus. Sem Ele, a coesão se perderia. Mas não basta o Espírito.

Existem dinâmicas humanas que devem funcionar para fazer possível esta **comunhão**; entre essas **dinâmicas humanas** S. Inácio seleciona duas: a **obediência** e o **louvor**.

Elas são, ao mesmo tempo, pedagogia de autêntica comunhão e caminho para ela.

“Deposto todo juízo, devemos ter ânimo preparado e pronto”.

Quem **julga**, vê a partir de si mesmo;

por ter já as coisas resolvidas e claras, se incapacita para acolher a *novidade*.

“Depor todo juízo”: evoca uma situação de **Eleição**, isto é, é preciso dar lugar à **novidade** que pode aparecer através das moções do Espírito. A pessoa deve permanecer sempre **aberta**, e o **juízo** fecha a sua mente e o seu coração. O **juízo** expressa uma postura propriamente definitiva. Não é o mesmo **“depor o juízo”** que **“não pensar”**.

É como se S. Inácio nos pedisse para nos livrar de possíveis **“pré-juízos”**, e não os converter em juízos que nos afastariam da **comunhão** eclesial.

Em lugar de proceder a partir de **si mesmo**, deveríamos sempre deixar dentro de nós lugar à **Igreja**, para optar, como membros dela, não como pessoas simplesmente individuais.

O **juízo** é duro, inflexível. Nele não somos livres; se deixarmos nossa capacidade de julgar sem controle, já não seremos senhores de nós mesmos.

“Ânimo preparado e pronto”

Ânimo: Por esta palavra castelhana se entende um **estado interior** da pessoa, resultante de um conjunto de operações e vivências, nas quais há percepções, motivações, valorações, intenções, emoções e desejos diversos... **Ânimo** é um conceito muito vinculado ao mundo do **desejo**. É como um **movimento** que nos leva a **buscar**. **Ânimo** alimentado pelo desejo de ser Igreja.

Com a substituição do **“juízo”** pelo **“ânimo”** se sugere que a faculdade do sentido de Igreja não fique reduzido ao estritamente intelectual, mas integre todas as dimensões da pessoa, sobretudo a **afetiva**.

Tais dimensões deve referir-se ao campo da **relação**, porque a Igreja é, antes de tudo, questão de **vinculação** de pessoas, de **relação** pessoal, à qual temos acesso mais pelo **ânimo** que pelo juízo.

O **ânimo** possibilita o encontro de pessoas, ver seus aspectos mais positivos, compreender, tolerar...

No **juízo** tende a prevalecer a **auto-afirmação**; no **ânimo** prevalece a busca, a abertura ao novo.

Preparado: Remete-nos a um trabalho prévio da pessoa, que, conhecendo seus próprios mecanismos interiores, se **dispõe**, se **prepara** de antemão, para poder chegar a obedecer.

É necessário **conhecer-se** bem, ser muito **livre** por dentro, para motivar-se à verdadeira **obediência**; não se pode obedecer sem **motivações**, ou sem **desejos** de fazê-lo.

Cada um deve se **“preparar”** a si mesmo, de forma que brotem, a partir de dentro, **impulsos afetivos de busca** da **comunhão**, de superação de dificuldades.

Estar **preparado** para obedecer é algo mais que aceitar a **obediência**.

É tomar parte ativa nela, como algo **próprio**, com **responsabilidade própria**.

“De minha parte, me disponho, psicológica e espiritualmente, e enquanto sou capaz, ao ato livre e misterioso de obediência”.

Preparar-se para obedecer significa, no fundo, tomar a responsabilidade de **caminhar** para a maturidade pessoal, sem a qual não haverá **obediência** verdadeira à Igreja. **Preparar-se é crescer**, e é **libertar-se**.

Pronto: A **“preparação”** é algo anterior, que requer tempo prévio, porque é um processo.

“Pronto” sugere uma **atitude**, a de estar na linha de saída, com a **prontidão** para começar a correr.

É o **“estar para”**, como tendendo co-naturalmente à obediência.

É a atitude daquele que está na vida como quem serve.

É a **liberdade** de ataduras, a **disponibilidade**, o **estar em forma**, sem exigir demasiados pré-requisitos, a **alegria**, a **agilidade** de movimentos, os **desejos** de servir.

“Obedecer em tudo”

“Em tudo” é uma expressão adverbial muito inaciana.

É complexiva, totalizante, no quantitativo e no qualitativo.

É muito frequente em S. Inácio este tipo de expressões que sugerem um **“ir ao fundo”** da questão, ou uma **atitude clara, definida, sem ambiguidades**.

Obedecer em tudo significa obedecer **totalmente**, até o **fundo de si mesmo**, com uma obediência que não consiste só na **execução** do mandado, mas que **empenha** a pessoa inteira, até chegar a ser uma verdadeira vivência do mistério da **fé** e do **amor**.

É a **qualidade** da obediência à Igreja que aqui se pede. Não é boa uma obediência só no exterior. Não significa submissão acrítica, infantilizante, passivo, não ter vontade...

Só uma **obediência** mais profunda, mais totalizante, pode servir de base a uma vivência do mistério da Igreja.

É a obediência aprendida em La Storta: a **obediência** que é de verdade **comunhão**, ainda que às vezes seja com a Cruz às costas.

“Obediência cega”: (EE 365) S. Inácio não a entende como obediência irracional, voluntarista ou mecânica; esta é **“cega”** porque é tão simples e generosa que só tem olhos para a vontade de Deus, fechando-se ao próprio amor, querer e interesse.

Desnudo de si mesmo, o obediente veste-se de Deus, o qual **“tanto mais enche a nossa alma, quanto mais vazia a encontra da própria vontade”** (Epp. I, 551-565).

Pela **obediência**, a pessoa quer unicamente e procura em tudo e por tudo o **maior** louvor e glória de Deus.

“À verdadeira esposa de Cristo”

Este é o **ponto chave:** cume da atitude de obediência. Só a Igreja, precisamente realizada em sua totalidade representativa do **mistério** de Cristo, é a verdadeira **Esposa**.

S. Inácio não fala nesta regra de obedecer aos **“hierarcas”** da Igreja, mas à **Igreja Esposa**, que é diferente. É como se dissesse: **“Ao obedecê-la, a estás reconhecendo como Esposa, a estimas como tal”**.

“O senti-la como Esposa dentro de ti, te leva a obedecê-la, num ato que fundamentalmente é de amor, de comunhão-identificação com ela”.

Ela é a **Esposa**, e nós a temos por tal nas realidades concretas de nossa vida.

Amor reverencial, amor consequente, eficaz, não puramente espiritualista.

S. Inácio manifesta um forte **sentido comunitário, corporativo** em seu Amor.

A **Igreja**, em definitiva, é a **chave** da mesma **união** de cada pessoa particular com Jesus, porque ela é o **“lugar do encontro”**, onde cada membro se une à Cabeça, e fica **“recapitulado”** nela.

Nela, em definitiva, ou em referência a ela, **somos amados**.

2ª a 12ª Regras: O LOUVOR

O **louvor** é a outra coluna de apoio para a **comunhão eclesial**.

S. Inácio busca **enraizar** no coração do exercitante esta atitude de **sintonia** que o ajude a ter **carinho** com a Igreja, **“louvando”** as diversas realidades vivas, através das quais a Igreja expressa sua fé.

É necessário **“sentir a Igreja”** em sua **diversificação**, na **pluralidade** de seus membros, funções, carismas e expressões de fé.

Se a **Igreja** deve ser para **todos**, toda ela também deve ser **variada e ativa**. Se ela aponta para Deus e seu Reino, deve ser **harmônica**.

Esta **harmonia** é a que S. Inácio expressa na palavra **louvor**, que é uma relação de **positividade** que se estabelece entre o exercitante e certas **realidades** da vida e expressão da Igreja.

O **louvor inaciano** não é algo extrínseco a respeito da Igreja, senão que consiste em deixar que **ressoe** em nós sua **vida** e sua **expressão**, com um forte **sentido de pertença**, inclusive no caso de que pessoalmente não nos sintamos inclinados a realizar em nós alguma das coisas louvadas.

Louvar não significa aprovar definitivamente e para sempre um determinado uso eclesial.

É necessário saber **louvar** aquilo que num determinado lugar ou tempo é **expressão** adequada da relação da Igreja, ou uma parte ampla dela, com Deus e seus Santos.

Louvar não leva consigo **fazer** o que se louva, senão **sentir-se** muito em sintonia e comunhão com aquele que faz. Louva-se a **atividade** de todo o **corpo**, ainda que cada membro não faça tudo o que o corpo inteiro faz.

O QUE FICA E AJUDA HOJE

1. A **Eclesiologia** de fundo, latente nas Regras, e que deve continuar desenvolvendo-se mais, sobretudo a partir do Conc. Vat. II, é uma **Eclesiologia de comunhão**, à imagem e semelhança da Trindade. Igreja, Povo de Deus.
2. O convite a **ser Igreja**, não como um marco externo de referência de nossa vida e missão, mas **no** Espírito e **desde** o Espírito de Jesus Ressuscitado, isto é, em seu mistério de **Mãe** e **Esposa**, de Corpo histórico de Jesus, sua Cabeça. Por isso pertencemos a esse Corpo, formado por todos nós.

3. O sentido verdadeiro de **obediência** à Igreja, em ordem à **comunhão** e ao **envio**. Atenção à ação do Espírito.
4. A atitude de **louvor**, como **ressonância interior** da vida da Igreja. Mesmo que muitas coisas particulares tenham mudado seu vigor expressivo, a **vitalidade** da Igreja continua forte em novas expressões, tipos de comunidade e de estados de vida.

5. A **acolhida** positiva e respeitosa da diversidade de pessoas, carismas, ministérios, funções e expressões de fé na Igreja.
6. O **amor** e o **respeito** à Igreja e seus membros. Isso nos impede ser superficiais no tratamento de qualquer problema ou assunto que surja nela. Não podemos fazer-lhe dano. Ela é *“carne de minha carne e osso de meus ossos”*.
7. Acerca dos **defeitos, modos de atuar** ou de ser das pessoas particulares na Igreja, impõe-se um tratamento discreto, uma **crítica positiva** e cheia de **compreensão**, e sobretudo um acerto para ser eficaz em conseguir um remédio que não seja pior que a enfermidade.
8. Quando se fala da **IGREJA**, não devemos permitir que estamos falando do Papa, dos Bispos, ou do magistério, ou do clero. Neste sentido, as **Regras** são um sério convite a recuperar a verdadeira **imagem e palavra** mesma de *“Igreja”* para o qual ela é em sua integridade. Para que isso seja possível deveremos crescer em assumir **responsabilidades** dentro dela.
9. O **equilíbrio** e serena **liberdade** para tratar, sem extremismos fanáticos, os problemas que agora nos colocamos.
10. Um louvor à renovação da **Liturgia**, buscando novas formas de expressão inculturada.
11. Reconhecer o fato do **pluralismo** no seio da Igreja. Há diferentes visões teológicas e pastorais, diferentes análises dos problemas emergentes e diferentes propostas de solução. Esse **pluralismo** será mais acentuado em tempos de mudança e de novas formas de vida eclesial e novas respostas à realidade social. Toca a cada um descobrir, entre as várias **tendências e movimentos** eclesiais, qual é o chamado pessoal que o Senhor lhe dirige.
12. O **amor** e a **obediência** à Igreja é consequência do **Amor e obediência** a Cristo. O cristão ama a Igreja não porque ela é perfeita, mas porque Cristo a ama, assim como ela é, e cuida dela, purificando-a e aperfeiçoando-a até levá-la à plenitude de sua **santidade**.

